

## JUVENTUDE COM HIV/AIDS, SEXUALIDADE, SAÚDE E IGREJAS: DIÁLOGO E ESCUTA NECESSÁRIA E URGENTE

ROCHA, Maria Estela Barbosa da<sup>1</sup>

D'ÁVILA, Nildo Eli Marques<sup>2</sup>

Na década de 1980 devemos lembrar que a pecha do corpo “aidético”<sup>3</sup>, ficou relacionada primeiro à homossexualidade – sendo mais conhecida como “câncer gay” ou “peste rosa”, e depois aos drogados e mulheres liberadas. Conforme o seguimento da sociedade estas pessoas eram consideradas à margem da sociedade, indivíduos que afrontavam as famílias “recatadas”. Em meio às dúvidas sobre a doença os religiosos chegavam com seus discursos, esses são uma presença constante nos hospitais desde os tempos idos, eles fazem parte desse cenário desde o século II; no entanto, mesmo antes do registro do primeiro hospital, os religiosos tomaram conta das enfermidades. Quando pesquisamos sobre formação dos hospitais, verificamos que no ano de 476 (d.C) havia se propagado entre as pessoas do povo certa descrença em relação à medicina, que se mostrava incapaz de vencer

várias epidemias catastróficas. Diante do desespero geral do temor da morte, a busca de solução se fez através da salvação no sobrenatural, e a medicina caiu nas mãos dos religiosos, por vezes, charlatões e embusteiros. Com esses problemas, no século II a dama romana Fabíola fundou um dos primeiros hospitais. A palavra hospital vem do latim “hospitium”, local onde ficavam os hóspedes. Um século depois São Bento construiu o primeiro mosteiro, que foi também um centro rudimentar de ensino médico e assistência hospitalar. Devido ao desespero, no final da década de 1980 e início de 1990, por não haver uma cura para a Aids e sendo sua evolução, em muitos casos, de forma rápida para o óbito, se desenvolviam as questões da “fé” na cura e se originavam de várias linhas religiosas, o que não faltavam eram tentativas. Como vimos através dos séculos, onde não se encontram respostas na medicina, tenta-

1 Autora; Pedagoga, com especialização em Psicopedagogia; Administração Hospitalar; Mestre em Educação Ambiental pela FURG com o tema Juventude com HIV/Aids: rostos velados; vozes a serem ouvidas, Rio Grande (RS); Aluna do Curso de Especialização Multiprofissional em Saúde da Família – com pesquisa na área da juventude com HIV/Aids, corpo, desejo e constituição familiar. E-mail: meste-la@vetorial.net

2 Co-autor e Orientador do Curso E. Multiprofissional em Saúde da Família; Médico formado em 1976, com especialização em Pediatria no Hospital da Criança Santo Antonio em Porto Alegre; Título de especialista pela Sociedade Brasileira de Pediatria e Membro do Comitê de Infectologia da Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; Mestre em Ciências da Saúde Pela FURG, Área de Doenças Infecto-contagiosas; Professor da FURG desde 1979; Médico Chefe do Hospital Dia Pediátrico de Aids – Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr.; Fundação Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: nildo@vetorial.net

3 Utilizo o termo “aidético” para enfatizar o peso que esta denominação produz nos corpos dos indivíduos portadores do HIV, bem como a carga de preconceito, estigma e identidade.

se socorrer na fé de que um milagre possa ocorrer. Em meio aos líderes religiosos não faltavam as questões moralistas das mais “ferrenhas” e radicais, e o que mantinha um “certo equilíbrio” para que não ocorressem exageros dentro do hospital eram os cuidados dos profissionais ligados diretamente ao paciente. No entanto, para muitos líderes religiosos a idéia era a mesma descrita por Perlongher: “(...) outros setores menos compreensivos, propugnam métodos mais ríspidos (do tipo “acabar com o doente para acabar com a doença”)” (1987, p. 57-58). As instituições de saúde, no sentido de realizar um trabalho de prevenção onde são regidas as questões do cotidiano do indivíduo, que podem fazer a diferença entre “viver ou morrer”, e a questão do exame para dirimir dúvidas se estávamos ou não com o vírus, se associavam, por vezes, às questões religiosas que naquele momento mostravam o quanto estavam “corretas” em aconselhar a sexualidade de seus rebanhos e seu *modus vivendi*. Reporto-me aos dizeres de Galvão (2000, p.18): “A AIDS possibilitou a ampliação do diálogo (...), demonstrando que cada cultura classifica como crença, tabu, sexualidade, poder, saúde, estigma e religiosidade pode marcar e determinar os caminhos da história natural de uma epidemia, (...)”. Essa breve exposição sobre o HIV/Aids e as religiões no início da epidemia, são vivências ocorridas na saúde, a qual convivemos no início da epidemia, e que a partir das pesquisas realizadas

com a juventude com HIV/Aids no ano de 2005 se mostraram fortes nas narrativas realizadas pelos colaboradores. Para o Programa Saúde e Direitos – Projeto Aids e Igrejas – SP: “As igrejas pelo mundo não estão preparadas para assumir uma atitude compassiva e relevante frente à crise. Alguns cristãos reagem moralisticamente, enquanto outros preferem o silêncio. Esse silêncio pode ser tão mortal quanto o vírus” (2006, p. 19). A pesquisa com a Juventude com HIV/Aids iniciou partindo em busca dos anseios, medos e perspectivas dos jovens portadores do vírus HIV/Aids. Para tanto, estamos utilizando como estratégia metodológica a pesquisa qualitativa com investigação narrativa por possibilitar a construção e a reconstituição da história por meio de relatos individuais e coletivos. Estamos utilizando o depoimento oral de três adolescentes<sup>4</sup> (duas meninas e um menino) portadores do vírus HIV/Aids que são pacientes do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. e de familiares, entre outros colaboradores. No decorrer da pesquisa as religiões estiveram sempre presentes e no caso de uma das jovens, que mostrava grande rejeição à medicalização, tornando-se vulnerável às doenças, a religião se mostra como a salvadora. Segue a narrativa da mãe: “(...) dizem que está fazendo milagres – curando pessoas. Uma conhecida minha me falou e a Pandora quer ir para se curar, ela pede: mãe me leva (...) (Fevereiro-2006). Após a visita e

4 Conforme solicitado para toda a pesquisa em saúde o projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Associação de Caridade Santa Casa do Rio Grande – Protocolo nº 040/2007.

a “consulta”, a mãe de Pandora conta que o líder religioso enfatizou que foi muito bom a menina ser levada até ele, porque ela teria somente 48 horas de vida. A mãe enfatiza as palavras do religioso – “(...) nós vamos pisar na Aids”. Em abril de 2006 a menina já estava com morte iminente, mas a mãe permanecia com a fé inabalável no religioso, ela enfatiza: “Pandora está assim... porque ele vai mostrar o poder que ele tem” (Abril-2006). Na pesquisa junto ao jovem, ambos, mãe e filho, ela infectada pelo esposo e ele portador do vírus desde seu nascimento, ou seja, a transmissão do vírus ocorreu durante a gestação, freqüentam uma religião; mas enfatizam sempre que ao serem descobertos como portadores do vírus, certamente a comunidade religiosa os rejeitará. Ela fica triste, porque o filho começa a se interessar pelas jovens e não sabe como proceder, porque ao revelar ser portador do vírus teme a rejeição, caso que já havia ocorrido dentro da igreja e que levou outro jovem à depressão, à rejeição à medicalização. Segundo o Programa Saúde e Direitos – Projeto Aids e Igrejas – SP: A Igreja não pode permanecer indiferente à realidade da Aids, e durante todos esses anos, ocorreram diferentes debates tentando definir a atitude que a Igreja deve ter diante dessa problemática. Algumas Igrejas têm reagido de forma negativa, rejeitando pessoas afetadas e infectados pelo vírus HIV, apresentando o argumento que interpreta esses fatos como o cumprimento dos últimos tempos, condenando assim o “pecador” (2006, p. 18). No VII Congresso

Brasileiro de Prevenção das DST e Aids em junho de 2008 ocorreram mesas com discussões sobre este tema onde se encontravam algumas linhas religiosas, e podemos verificar o quanto ainda esse assunto se mostra difícil dentro de uma abordagem onde a conversa seja ampla e busque um caminho ao encontro de uma parceria entre as religiões, e estas com as instituições de saúde em prol das pessoas com HIV/Aids. Verificamos a urgência do debate desse tema quando ouvimos narrativas durante a pesquisa onde os jovens portadores do vírus, bem como seus familiares, narram a forma como são interpelados pelos dizeres religiosos e que esses nem sempre vem ao encontro, de forma positiva e solidária, no momento de fragilidade que o indivíduo apresenta. No entanto, o contra ponto: o exacerbar de um milagre pode ocorrer e se mostra também forte, como verificamos na pesquisa com a jovem Pandora. A pandemia da Aids é uma realidade que pode ser combatida através de uma rede social com troca de experiências, informações entre as religiões, a saúde, as escolas entre outros seguimentos da sociedade. Aceitar o desafio e lutar pela vida buscando juntos minimizar a vulnerabilidade que as pessoas que vivem com HIV/Aids enfrentam nas mais diversas situações de suas vidas. Essa luta se faz necessária e urgente e vai ao encontro do respeito e valorização da vida. Eis mais um desafio que a pandemia da Aids nos apresenta.

**Palavras-chave:** Juventude com HIV/Aids; Sexualidade; Saúde; Igrejas; Rede Social.

## **Referências**

Galvão J. Aids no Brasil. A agenda de construção de uma epidemia. Rio de Janeiro: Editora 34; 2000.

Perlongher N. O que é aids? 2.ed. São Paulo: Brasiliense; 1987.

Povo de Deus uma família que acolhe enfermos. Aids e igrejas – um convite à ação, São Paulo: Timbre Comunicação e Propaganda p. 18,19, mar; 2006.